

# UMA ABORDAGEM PÓS-MODERNA DA OBRA LITERÁRIA *O VENDEDOR DE PASSADOS*, DE JOSÉ E. AGUALUSA: IDENTIDADE, DESTERRITORIALIDADE, HIBRIDISMO E CULTURA

Romilton Batista de Oliveira

Mestrando em Cultura, Memória e Desenv. Regional pela Univ. do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: romilton.oliveira@bol.com.br

**Palavras-chave:** Hibridismo cultural. Identidade. Literatura. Pós-modernidade.

## Introdução

Este artigo parte da leitura do romance de José E. Agualusa, *O Vendedor de Passados* (2006) com o objetivo de perceber como se processam os conceitos teóricos em evidência no movimento que os teóricos em geral denominam de *pós-modernidade*, entre eles, a desterritorialização, o hibridismo cultural, a identidade cultural.

O romance, narrado por uma Osga (um réptil batizado por Félix Ventura de Eulálio), conta a história de Félix Ventura e sua relação com pessoas que o procuram para adquirir uma vida melhor através de uma identidade ou de orientações imaginárias que venham lhe ser úteis na vida, como foi o caso do Ministro que o procurou para que o mesmo escrevesse um diário autobiográfico a partir da mistura entre verdades e mentiras (realidade e ficção). Outra personagem que teve sua vida transformada no romance foi José Buchmann (o “comprador de passados”). Talvez este seja exatamente o maior exemplo de personagem que buscou viver sobre uma nova identidade e a viveu intensamente. Conforme o romance “aquele homem foi José Buchmann a vida inteira” (AGUALUSA, 2006, p. 65).

As personagens descritas por Agualusa são todas híbridas. Todas precisaram passar pelo processo de *desterritorialização* e *re-territorialização*. São estes que caracterizam a marca híbrida de suas identidades num contexto pós-colonial angolano.

O romance de Agualusa (2006) *O Vendedor de passados* representa, de certa forma, uma “comunidade imaginada” como define Benedict Anderson (2008), pautada na criatividade e invenção de uma nação que necessita de um discurso fundador imaginário para se firmar enquanto nação, e as personagens do romance são construídas através deste “imaginário” que ajudarão na formação histórica da nova nação – Angola.

Este estudo é necessário devido à *problemática dos países de cultura e língua lusófonas*, países esses que tem rompido com o antigo foco centralizador e hegemônico europeu de produção de escrita literária. Desta forma, este ensaio se inscreve numa tipo de pesquisa bibliográfica. A partir de teóricos como Mike Featherstone (1997), Terry Eagleton (1988), Rogério Haesbaert (2007), Stuart Hall (2006, 2008), entre outros, se fará uma análise da obra, levando em consideração o contexto histórico em que ela está inserida e os conceitos teóricos que serão compartilhados.

Este tipo de gênero, o romance, divide-se entre o realismo e o irrealismo, e é esta divisão que propõe modelos de vida, de costumes, de sentimentos, às diversas zonas de uma sociedade. Este aspecto social e histórico que possui o romance identificado por seus sinais mais concretos institui o literário, inscreve-o como literatura. “O romance, [...] teria exprimido, por exemplo, as ideias de nação e de renascimento nacional nos países colonizados ou recentemente tornados independentes” (ZÉRAFFA, 1971, p. 23).

Assim sendo, no romance em estudo, o “Vendedor de passados” Félix Ventura, ao elaborar uma identidade para os seus clientes levava em consideração os hábitos e costumes da nação angolana, sua língua, suas representações sociais, políticas e econômicas, enfim, sua representação cultural daquele momento.

Segundo Gilroy (apud FEATHERSTONE, 1997, p. 27), “discussões sobre a modernidade raramente mencionam a escravidão e a diáspora africana“. Somente com o advento da pós-modernidade é que este assunto entrou em cena, tornando-se uma grande marca desses novos tempos, tornando-se conteúdos de grandes romances como o que está sendo analisado agora. Na realidade o que ocorre é uma mudança paradigmática, uma mudança de concepção cultural centralizadora, eurocêntrica para uma cultura descentralizadora, fragmentária e marcada não apenas por um centro, mas por vários. A leitura desta obra talvez não agrade ao tradicionalismo clássico que reúne em si apenas as obras de cunho clássico “iluminista”, no entanto, faz-se necessário lê-la pela necessidade de integrarmos à literatura sua outra parte que andava às margens, desgarradas no tempo. Hoje, mais do que nunca, elas são tão importantes quanto quaisquer outras, e estão no contexto global se deslocando de suas margens. “Nacionalismos” são formados numa perspectiva local e global ao mesmo tempo, dando margem ao hibridismo cultural que, por muito tempo estavam às ocultas (à luz da clandestinidade). “As estruturas do mundo natural e social podiam ser desvendadas através da razão e da ciência. [...] Isso significa que todos, [...] teriam de reconhecer a superioridade e a universalidade do projeto da modernidade. Era esse o sonho da razão” (ocidental) (FEATHERSTONE, 1997, p. 105), e que, de certa forma, foi

responsável pela exclusão de muitas culturas, entre elas, a africana. Mas, graças à pós-modernidade, este projeto está sendo desconstruído. As coisas estão se invertendo: quem vivia às margens agora não vive mais.

### **Análise do romance *O Vendedor de Passados* pelo viés do hibridismo cultural versus des-reterritorialidade**

Constatamos que as personagens Félix Ventura e José Buchmann, entre outras, constituem a inclusão no romance “*pós-moderno*” do *hibridismo cultural*, por se tratarem de personagens nômades que se deslocaram de seus antigos territórios para o território angolano, inscrevendo-se, desta forma na característica responsável pelas mudanças que a *globalização* nos proporcionou, ou seja, o processo pelo qual os teóricos em geral denominam de *desterritorialização/reterritorialização*. Neste caso, este processo culminou na apreensão de uma nova cultura por parte do migrante. Segundo Deleuze e Guattari (apud FEATHERSTONE, 1997, p. 173), “A História sempre é escrita a partir de um ponto de vista sedentário e em nome de um aparato do Estado unitário, pelo menos um aparato que seja possível, até mesmo quando o tópico são os nômades. O que faz falta é uma nomadologia, o oposto de uma história”. Featherstone (1997, p. 174) ainda comenta que “o nomadismo e a migração são encarados não apenas como características da condição global contemporânea, mas como fundamentais para a linguagem. [...] O nômade tornou-se uma categoria importante nesse tipo de literatura sobre os estudos culturais”.

Sem dúvida, o caráter des-reterritorializador das diásporas inscreve-se na globalização não para marcar a homogeneização de uma cultura ou de um território mas para inscrever no processo da heterogeneidade cultural como também outra possibilidade. Conforme Haesbaert (2007):

Essa leitura híbrida da globalização – que não a vê apenas como processo de homogeneização, mas como veículo e incorporação da heterogeneidade – permite pensar numa sobreposição de territórios, numa territorialidade multiescalar com várias formas de inserção nos circuitos da globalização. Destaca também a possibilidade de partilhar mais de um território, tanto no sentido mais literal de sobreposição (simultaneamente encaixada) quanto da possibilidade (flexibilidade) de acionar, dependendo da situação, diversos territórios (HAESBAERT, 2007, p. 135).

Não queremos dizer com isso que o mundo esteja des-espacializado, tampouco desterritorializado. O que se percebe na prática é um “perder para se ganhar”, um desterritorializa-se para se re-territorializar. Ainda segundo Haesbaert (2007):

Com relação à des-territorialização no sentido de perda da importância da mediação espacial nas relações de poder (seja ela mais concreto ou mais simbólico), o que parece estar acontecendo é, na verdade, uma proliferação muito maior e mais complexa de controle político-espaciais e de referências espaciais de pertencimento, em múltiplas escalas (HAESBAERT, 2007, p. 136).

Com isso, o autor pretende mostrar que uma desordem territorial se inscreve de diversas lógicas, desde aquelas estritamente políticas, no sentido liberal – com territorialidades mais abertas e menos excludentes –, até aquelas mais marcadas por vínculos culturais – com o embrião de novos “Estados identitários” e territorialismos. Convém lembrar que “estes territorialismos, de territórios de identidade mono-étnicos e excludentes não eram propriamente a marca das sociedades pré-coloniais, [...] eram quase sempre pluriétnicas e abrigavam uma grande diversidade de repertórios culturais [...]” (HAESBAERT, 2007, p. 138). A África pré-colonial nunca foi constituída de um mosaico de etnias. Desta forma, a dimensão cultural, refortalecida, pode servir como base para uma territorialidade mais eclética e flexível, recortada também através de diversas *geografias imaginárias*, atingindo também territórios segregados e excludentes.

Numa leitura de território que enfatiza a dimensão cultural, temos a desterritorialização vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais.

Uma das propriedades mais importantes em todo processo de des-territorialização é sua vinculação a determinadas escalas. O que num nível escalar é visto como processo desterritorializador, em outro pode ser visto como reterritorializador. Desta forma, a dimensão cultural dos processos de des-territorialização se faz numa perspectiva de cultura política, ao mesmo tempo material e simbólica.

A carga identitária ou simbólica, naquilo que Anderson (2008) denominou “comunidades imaginadas” surge hoje com uma ênfase raramente vista. Os territórios modernos por excelência, os do Estado-Nação, são marcados por uma comunidade imaginada, calcada em um indivíduo nacional-universal, capaz de impor-se sobre as diversas comunidades baseadas na diferenciação étnica dos grupos sociais. Em conjunto, reinventam-se símbolos e identidades nacionais, estruturados para consolidar a homogeneização da nova

Nação-Estado. Daí que a criação dos Estados-Nações modernos é simultaneamente um movimento de desterritorializador e re-territorializador, sob os aspectos político e cultural.

Na verdade, acreditamos, muito mais do que desterritorializados, os migrantes em diáspora compartilham esta experiência multiterritorial do mundo contemporâneo, incluindo aí territórios com uma forte carga simbólica, como é característico destes tempos pós-modernos, imersos no mundo da produção de imagens e simulacros.

Uma das bases, portanto, que pode dar mais consistência e eficácia ao poder simbólico na construção identitária, diz respeito aos referenciais espaciais, materiais (no presente ou no passado) nos quais a identidade faz referência.

O conjunto de signos e de representações sociais criados para fortalecer uma identidade cultural pode incluir o próprio espaço – ainda que esse carregue um conteúdo (uma “aura de subjetividade”) tanto positivo quanto negativo.

Stuart Hall (2006) afirma que:

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólicos. Elas têm aquilo que Eduard Said chama de suas “geografias imaginárias”, suas ‘paisagens’ características, seu senso de ‘lugar’, de casa/lar, de heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas [...] (HALL, 2006, p. 76).

Entendemos, pois, que as identidades são marcadas e situadas histórico-socialmente no tempo e no espaço, num tempo e espaço imaginários, podendo o indivíduo, mesmo longe de seu primeiro território, trazê-lo imaginariamente para o território desconhecido em que ele deve se adaptar.

Esse deslocamento de território (no sentido físico da palavra) em que são submetidos aos sujeitos diaspóricos representa o que Hall (2008) denomina de hibridismo, termo este muito usado para caracterizar cada vez mais as comunidades mistas e diaspóricas. Entretanto este conceito teórico tem sido comumente mal interpretado. Homi K. Bhabha (2008) define o hibridismo como um

momento ambíguo e ansioso de... transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo... [Ele] insiste em exhibir... dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade, as disjunções de poder ou posição a serem contestadas; os valores éticos e estéticos a serem “traduzidos”, mas que não transcenderão incólumes o processo de transferência (BHABHA apud HALL, 2008, p. 72).

O hibridismo é realmente o termo que indica a lógica cultural da tradução, lógica esta que se evidencia nas diásporas multiculturais que se faz presente no mundo pós-colonial, no mundo angolano. E a literatura consegue inscrever-se neste contexto, dando um grande passo na ressignificação deste discurso, teoricamente em construção, devido à sua complexidade.

Ainda concernente a este problema, Hall (2008), faz a seguinte afirmação:

Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. [...] Mesmo quando se trata dos setores mais tradicionalistas, o princípio da heterogeneidade continua a operar fortemente. Nesses termos, então, [...] o adolescente negro que é um DJ de um salão de baile, toca jungle music mas torce para o Manchester United; ou o aluno muçulmano que usa calça jeans larga, em estilo hip-hop, de rua, mas nunca falta às orações da sexta-feira, são todos, de formas distintas, “hibridizados”. [...] Todos negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas (HALL, 2008, p. 72-73).

O hibridismo é, entre outros marcadores da pós-modernidade, um grande referencial que negocia no espaço global a aceitabilidade e convivência no mesmo espaço de diferenças culturais, traduzidas na vertente multicultural, disseminando, desta forma, as tradicionais e “intocáveis” culturas hegemônicas. E certamente, a literatura, será um instrumento de “representação” desta representação, a “desconstrução” de velhas “estradas” que não nos servem mais, mas estarão sendo o ponto de partida para as devidas mudanças que o “novo mundo” concebe, descentrando a visão iluminista que centralizava o poder em torno de um absoluto “eu” para o “outro”, que sempre viveu à margem, inscrevendo na história um novo paradigma, uma construção em que a diferença passa a ser o ponto de partida para construir esse novo mundo, esse novo sujeito, híbrido por natureza.

No romance podemos constatar a busca ansiosa por uma nova identidade. Mostraremos dois fragmentos onde se pode perceber o antes (Pedro Gouveia) e o depois (José Buchmann):

Vi entrar um homem alto, distinto, nariz adunco, as maçãs do rosto salientes, bigode farto, curso e lustroso, como não se usa há mais de um século. Os olhos pequenos e brilhantes, pareciam apoderar-se de todas as coisas. Vestia um fato azul, de corte antiquadro [...] Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma subtil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil (AGUALUSA, 2006, p. 15-16).

Refiro-me a alterações mais subtis. Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que a princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com as camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho-o também mais expansivo. A rir, é já angolano. Além disso tirou o bigode. Ficou mais jovem (AGUALUSA, 2006, p. 59-60).

Concluimos então que Agualusa (2006) consegue em seu romance pontuar uma crise de identidade, e a personagem consegue “encarnar” uma “identidade imaginária”. Valendo-se de sua des-reterritorialização, a personagem se inscreve como o *outro*, o *diferente*, o *híbrido*. Ele se *traduziu* nesta nova representação.

### **Analisando o romance pelo viés do movimento cultural pós-moderno**

Entre tantos conceitos atribuídos à palavra *cultura*, focalizaremos a cultura como tudo que não é geneticamente transmissível. Preferimos concordar, mesmo sabendo que se trata de um conceito em construção, da definição de Stuart Hall (apud EAGLETON, 2005, p. 55), propondo uma concepção de cultura igualmente generosa, como as “práticas vividas” ou “ideologias práticas” que capacitam uma sociedade, grupo ou classe experimentar, definir, interpretar e dar sentido às suas condições de existência. Enfim, “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 54).

De qualquer modo, como acontece com muito do pensamento pós-moderno, o pluralismo encontra-se aqui estranhamente cruzado com a auto-identidade. Pluralismo pressupõe, desta maneira, identidade, como hibridização pressupõe pureza. Segundo Edward Said (apud EAGLETON, 2005, p. 28), “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”.

A literatura contemporânea, mais do que nunca, é envolvida por esses novos processos que representam o novo mundo, mundo de representações e representações, mundo cercado de certezas e dúvidas (mais dúvidas do que certezas), e caberá à literatura esta árdua tarefa de representar esta complexa realidade cruzada de complexos conceitos que estão em construção e que a todo momento se transforma de acordo com as exigências de um novo movimento cultural que surge. Em nossos dias o movimento cultural de que mais se tem notícia em quase todo o mundo é o movimento pós-moderno, mesmo com certas rejeições em certos lugares.

Talvez a própria rejeição à modernidade seja um sinal da complexidade deste grande conceito teórico que circunda nosso imaginário social.

### **Considerações Finais**

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. A representação, compreendida como processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A personagem Pedro Gouveia realizou-se como José Buchmann. Como migrante que era, híbrido por natureza, conseguiu resolver sua crise de identidade a partir da aceitabilidade de uma nova identidade, fruto de um processo des-reterritorializante. O próprio Félix Ventura permaneceu em seu espaço liso, pois era um nato nômade de “carteirinha”, conseguindo criar personagens, tempo e espaço de acordo com o novo perfil da pós-modernidade, incluindo-se perfeitamente nela. O ministro se realiza com o seu diário cheio de “verdades e mentiras”, mas que atende às exigências da sociedade emergente angolana. O Mascarado definitivamente se aceita, e se sente feliz com a “cara” que não é a sua, passando ser sua. Angela Lúcia continua sua história, fotografando luzes, realidades, sensações, hibridizações e a personagem Osga morre em combate, concluindo a sua história que, dentre todas as personagens, possuía uma grande consciência híbrida culturalmente, pois já passou por vários momentos de des-reterritorialização, e conseqüentemente, de hibridização.

A realidade cruza com a ficção na própria ficção, e a ficção é aplaudida pela ficção recebendo o aval do real. Ficamos com as palavras de Montaigne “Nada parece verdadeiro que não possa parecer falso” (AGUALUSA, 2006, p. 132). A literatura cumpre o seu papel sendo diálogo interdisciplinar representativo da realidade, da história, da identidade, do hibridismo e do processo de des-re-territorialização, acompanhados pela presença da memória que reorganiza o passado e o ressignifica tendo em vista às exigências do novo momento pós-moderno. A ficção transcende-se para um estado real e é condensada pela tríade (real, fictício e imaginário), atingindo o supra-real a sua representância. Iser (1996, p. 18) afirma que “[...] o



mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser entendido como se o fosse. [...] Pelo reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um como se”.

É este *como se* que alimenta o nosso ideário social. Se olharmos a nossa vida em sociedade poderemos constatar que ela se assemelha à narração ficcional. Quem já não ouviu alguém dizer “A vida é uma novela”, “Minha vida dá um bom romance”. Quantas pessoas se sentem melhor vivendo uma vida no imaginário (cheia de “mentiras”) a enfrentar a própria realidade?!. E a novela ou romance da vida real nos dias de hoje abre um novo capítulo: o capítulo da migração, do nomadismo, do hibridismo des-re-territorializador em que as personagens são caracterizadas, inscritas e marcadas em *O Vendedor de Passados* (2006), de José Eduardo Agualusa, representando muito bem uma realidade que atravessa o mundo inteiro. Portanto, o como se significa que o mundo representado não é propriamente mundo, mas o torna ser. Assim a tentativa de retirar da determinação do mundo seu caráter de como se conduz forçosamente à eliminação do elemento de comparação. Se o mundo do texto se caracteriza pelo como se, isso significa que sempre algo diverso deve ser introduzido no mundo representado no texto, que ele próprio não é. Pois o elemento de comparação na expressão como se é um impossível ou um irreal, a que se deve visar através do mundo representado.

Enfim, como bem sinaliza o romance, “tornou-se fotógrafa, como eu, e como eu, tornou-se nômade” (AGUALUSA, 2006, p. 193). O foco do romance gira em torno do nomadismo, a partir daí se desenvolve todos os outros processos, “o nômade é aquele que não parte, não quer partir, que se agarra a esse espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe ou o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 52). Agualusa (2006) assim conclui o romance com um trecho que vem solidificar nossas expectativas:

Passa-se com a alma algo semelhante ao que acontece à água: flui. Hoje está um rio, Amanhã estará mar. A água toma a forma do recipiente. Dentro de uma garrafa parece uma garrafa. [...] Eulálio será sempre Eulálio, quer encarne (em carne), quer em peixe. Vem-me à memória a preto e branco de Martin Luther King discursando à multidão: eu tive um sonho. Há alguma diferença, pensando bem, entre ter um sonho ou fazer um sonho. Eu fiz um sonho (AGUALUSA, 2006, p. 198-199).

Ele realizou um sonho: José Buchmann, personagem que abandonou sua velha identidade, construída a partir da memória de um novo passado, representando os angolanos

que resistiram ao período pós-colonial, submetendo-se aos novos desígnios sociais e simbólicos de uma sociedade interpelada por novos elementos culturais trazidos pela pós-modernidade: o hibridismo cultural, a desterritorialidade e a presença do respeito às diferenças, às novas identidades que passam a representar a nova Angola, um “sonho” em construção.

## Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de Passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2007.

EAGLETON, Terry. Poderes terrenos. In: \_\_\_\_\_. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

\_\_\_\_\_. *A idéia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. Revisão técnica de Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial. In: ARAÚJO, F. e HAESBAERT, R. (Org.). *Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ISER, A. Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ZÉRAFFA, Michel. *Romance e sociedade*. Tradução de Ana Maria Campos. Lisboa: Editorial Estúdios COR, 1974.